

NOTA DA ABRUEM EM DEFESA DO SISTEMA CEP/CONEP

O Sistema CEP/Conep é o maior sistema integrado de avaliação ética de pesquisas com seres humanos do mundo. Tem como objetivo analisar protocolos de pesquisas de todas as áreas do conhecimento, baseado em suas resoluções e normativas, garantindo a segurança e a proteção dos interesses dos participantes de pesquisas. Além disso, atua na verificação das denúncias e indícios de desrespeito a estas normativas. Com cerca de 900 CEPs autônomos, coordenados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) - uma das 18 Comissões Intersetoriais, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

No entanto, Projeto de Lei nº6007/2023, que tramita no Senado, ameaça sua existência, o que pode resultar na perda de direitos dos participantes de pesquisas, fragilizando a garantia da ética na pesquisa no Brasil.

Dentre os riscos associados à aprovação do PL 6007/2023, destacam-se:

- Retirada da participação social das discussões e decisões éticas, resultando na desarticulação do sistema atual, colocando os participantes de pesquisa em risco devido à redução do monitoramento, que passaria a ser realizado por CEPs independentes, em vez do sistema único;
- Restrições ao direito de acesso a medicamentos pós-estudo após 5 anos para os participantes de pesquisas, transferindo essa responsabilidade para a sociedade brasileira, através da utilização de recursos do SUS. Ainda, o médico pesquisador, que pode ter potencial conflito de interesse devido ao vínculo com o patrocinador, seria o responsável por decidir quem teria direito ao medicamento;
- Permissão para o uso de placebo em pesquisas, expondo pessoas doentes a riscos adicionais, em busca de redução de tempo e custos de pesquisa, contrariando as práticas atuais que limitam o uso de placebo a situações específicas;
- Transferência da responsabilidade financeira pelo acesso pós-estudo a medicamentos para o contribuinte brasileiro, utilizando recursos do SUS após os primeiros 5 anos. Além disso, prevê a possibilidade de instituições brasileiras assumirem parcial ou integralmente a responsabilidade pela indenização e assistência à saúde dos participantes de pesquisas, em substituição aos patrocinadores.

A ABRUEM, composta por 45 instituições de todas as regiões do Brasil, defende de forma inabalável o Sistema CEP/Conep. Somamos forças aos defensores do desenvolvimento científico embasado na bioética para debater publicamente

o PL 6007/2023 para encontrar alternativas que garantam a manutenção do sistema CEP/Conep, a segurança jurídica das pesquisas, a preservação dos direitos e a segurança dos participante, dos patrocinadores e dos pesquisadores envolvidos, salvaguardando os recursos do SUS.

Brasília/DF, 30 de abril de 2024.

Reitor Odilon Máximo de morais
Presidente da Abruem

Unicamp

SUBNUTRIÇÃO EM CRIANÇAS YANOMAMI PREOCUPA PESQUISADORES DA UNICAMP



Atualmente, entre todos os povos indígenas das Américas, as crianças yanomami são as principais vítimas de subnutrição severa. Segundo dados do governo federal, o índice ficou em 52% em 2022 (a média global é de 29%). Os impactos dessa condição não se limitam ao seu bem-estar no presente, tornando-as, quando adultas, mais propensas a enfrentar doenças cardiovasculares e

metabólicas, além de distúrbios cognitivos e de personalidade. Portanto, não basta combater a fome dessas crianças agora: é preciso investir em ações para acompanhar seu desenvolvimento a longo prazo. O alerta foi a conclusão de um artigo publicado no portal da revista Nature Medicine pelos pesquisadores Everardo Carneiro, Ana Paula Davel e Thiago Araújo, do Centro de Pesquisa em Obesidade e Comorbidades (OCRC, na sigla em inglês) do Instituto de Biologia (IB) da Unicamp.

Professor do IB, Carneiro afirma que a privação de nutrientes na primeira infância – fase da vida em que os órgãos ainda estão em desenvolvimento – relaciona-se com a redução da capacidade de secreção de insulina, à intolerância à glicose e a alterações no funcionamento e na estrutura dos vasos sanguíneos. Modificações no sistema nervoso central e a redução do tamanho do cérebro são outras das possíveis consequências desse problema. “A subnutrição pode se reverter em patologias chamadas marasmo e kwashiorkor, que levam a um comprometimento geral do organismo. Se a pessoa sobrevive e chega à fase adulta, isso vai repercutir em doenças como

a obesidade, porque essa pessoa passou a ingerir carboidrato em excesso, ou a hipertensão, pois seus vasos sanguíneos são afetados. Também há perda de capacidade neuronal”, explica.

Os pesquisadores destacam, na publicação, a relação entre o estado de desnutrição das crianças yanomami e o desmatamento, reforçando a importância de atuação



coletiva global para a preservação das áreas de floresta. A intensificação das queimadas e o avanço de garimpeiros e madeireiros ilegais sobre o território dessa população indígena – que compreende uma área dividida entre o norte do Brasil e a Venezuela – diminuíram sua oferta de alimentos. “Em quatro anos, uma área maior que a do Estado do Rio de Janeiro foi desmatada no seu território. Esse é um impacto muito grande. Por se tratar de um povo que vive dos recursos naturais, e que, portanto, alimenta-se basicamente da caça, a desnutrição proteica é um dos problemas mais graves, sem falar na contaminação dos rios cuja água eles bebem”, explica Araújo, pós-doutorando no OCRC.

O artigo resulta de uma análise realizada com base nas pesquisas sobre desnutrição desenvolvidas no OCRC nos últimos 30 anos e em dados sobre a crise humanitária instalada no território yanomami desde 2019. Para avaliar as possíveis consequências da privação nutricional enfrentada por essas crianças, Carneiro, Davel e Araújo recuperaram dados de estudos empreendidos na Holanda com pessoas que enfrentaram a fome durante a Segunda Guerra Mundial e que foram beneficiadas posteriormente por políticas de combate à subnutrição. Na sequência, traçaram um paralelo entre as conclusões dos estudos holandeses com a situação atual dos Yanomami – hoje foco de uma ação do governo federal que tem por objetivo, entre outros pontos, melhorar sua alimentação.

“As informações que levantamos sobre populações pregressas [holandesas, da década de 1940], aliadas aos nossos dados experimentais, mostram que, embora o governo brasileiro de hoje esteja tomando medidas para restabelecer o status nutricional dessas crianças yanomami, futuramente elas podem ter maior susceptibilidade a uma série de doenças. Mesmo que, após 30 anos, estejam com a saúde aparentemente perfeita e tenham uma dieta idêntica a de quem não sofreu de subnutrição”, observa Davel. Portanto, ao contrário do que se possa imaginar, os danos da subnutrição aguda não desaparecem completamente quando o indivíduo passa a se alimentar adequadamente. “Essa população precisa de acompanhamento. É necessário estudar o que está acontecendo e o que vai acontecer no futuro, porque ainda há muito o que descobrir”, completa a docente.



Já se sabe que o comprometimento do desenvolvimento devido a uma alimentação insuficiente afeta o material genético e pode impactar gerações futuras: resultado do prejuízo nutricional materno, crianças yanomami que estão nascendo agora apresentam uma baixa estatura. A constatação, feita por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (em

Manaus e no Rio de Janeiro) e citada no artigo, reforça a necessidade de estudar outros impactos das alterações genéticas decorrentes da deficiência nutricional antes mesmo da gestação. “Isso foi observado não apenas em relação às mães, mas também aos pais, mostrando a existência de uma questão geracional. Seus filhos estão nascendo também com menor peso, o que pode ter efeitos duradouros”, pontua Araújo.

Com a publicação, os pesquisadores esperam despertar a atenção da comunidade científica global e de órgãos públicos e privados de fomento à pesquisa e a ações sociais para um fato cujos impactos afetam também povos em conflito, como os moradores da Faixa de Gaza, no Oriente Médio, e os acometidos pela guerra travada entre a Ucrânia e a Rússia, na Europa. “Mesmo no Brasil, recentemente, houve uma queda no número de pessoas situadas abaixo da linha de pobreza. Há ainda, no entanto, 8,7 milhões de pessoas nessa condição [dados referentes a 2023]”, afirma Carneiro. “É preciso um esforço coletivo, que associe a academia, iniciativas privadas e iniciativas governamentais, para desenvolver medidas protetivas. Do contrário, teremos um novo problema, também grave, de saúde pública: o tratamento das doenças decorrentes dessa situação.”

Fonte: jornal da Unicamp. Texto: MARIANA GARCIA.
Fotografia: ANTONINHO PERRI e ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL

Uncisal

EGRESSOS DE CURSOS SUPERIORES TECNOLÓGICOS DA UNCISAL SE DESTACAM EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

A carreira acadêmica tem se tornado uma realidade cada vez mais presente na vida de egressos de cursos superiores tecnológicos da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal). Nos últimos anos, esses profissionais têm conquistado espaço em programas de pós-graduação ofertados por instituições públicas do estado, agregando conhecimento e garantindo diferencial competitivo.



Anderson Oliveira, egresso do curso de Radiologia, é um desses exemplos. O profissional concluiu sua formação superior em 2017 e, desde então, vem buscando aperfeiçoar os seus conhecimentos por meio de novos cursos. Inicialmente, ele apostou em especializações. No entanto, em 2022, conseguiu ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, ofertado pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal).

“Sou especialista em Tomografia, ressonância, medicina nuclear e radioterapia. Também obtive especialização em Docência em ensino na saúde e Docência no ensino superior. Em 2022, consegui ser aprovado em dois programas de pós-graduação: no Mestrado em Ensino na Saúde e no Mestrado em Ciência Animal. Optei pelo primeiro porque penso em seguir carreira acadêmica”, explica Anderson Oliveira.

Mas o egresso não está só nessa jornada. O doutorando Jardel Jean da Silva Araújo se formou na primeira turma de Tecnologia em Alimentos, no ano de 2020, e, atualmente, integra o Programa de Pós-Graduação em Agronomia da Ufal - área que engloba o curso. De acordo com ele, as experiências adquiridas durante a formação na Uncisal foram determinantes para que conquistasse espaços.

“Tive a oportunidade de participar de monitoria, de iniciação científica e de organizar eventos na área de alimentos, em parceria com o atual coordenador do curso da Uncisal, professor Ewerton Amorim dos Santos, que hoje é meu parceiro de pesquisas. Sou muito grato pela oportunidade que tive, pelo apoio que me foi dado para abraçar a pesquisa e, com os aprendizados e o apoio que tive, dar continuidade em minha carreira”, expõe Jardel Araújo, que complementa: “Como planos futuros, gostaria de voltar à Uncisal como professor do curso de Alimentos”.

O professor Ewerton Amorim, parceiro de Jardel Araújo em pesquisas e coordenador do curso de Tecnologia em Alimentos, destaca que os resultados conquistados pelos egressos são consequência do envolvimento dos estudantes em programas ofertados pela universidade. Amorim ressalta, no entanto, que apesar das conquistas recentes, alguns pontos podem ser aprimorados.

“Os programas de iniciação científica são, sem dúvidas, ponte importantes para que os nossos egressos conquistem espaços em programas de pós-graduação, porque elevam a produção científica dos candidatos. Mas só professores com doutorado podem participar. Por isso, é importante que nossos docentes invistam em qualificação e que consigam alcançar essa titulação”, pondera Ewerton Amorim.

Para Gustavo Vasconcelos, diretor do Centro de Tecnologia da Uncisal, o aumento do número de egressos em programas de pós-graduação é uma consequência natural do amadurecimento dos cursos da instituição. “É importante destacar que os cursos superiores de Tecnologia são cursos de ensino superior, tal qual os cursos de bacharelado e licenciatura. Todos são regulamentados pelo MEC [Ministério da Educação] e seguem as cartilhas e resoluções do Ensino Superior no Brasil. Desta forma, além de proporcionar aos alunos uma formação voltada ao mundo do trabalho, esses cursos permitem que estes alunos prossigam seus estudos fazendo cursos de especialização, mestrado e doutorado, como qualquer egresso das demais modalidades”, observa Gustavo Vasconcelos.

Fonte: Ascom da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal). Texto: Eduardo Almeida.

UPE

UPE REALIZA A TERCEIRA EDIÇÃO DA ENTREGA DO TÍTULO DE NOTÓRIO SABER EM CULTURA POPULAR



Uma manhã cheia de emoção. Foi nesse clima que a Universidade de Pernambuco (UPE) promoveu, nesta terça-feira, dia 23 de abril, a terceira edição da entrega dos títulos de Notório Saber em Cultura Popular a mestres, mestras e artísticas em Pernambuco. Dos 13 contemplados, 07 também detêm o título de Patrimônio Vivo, concedido pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe).

A cerimônia, transmitida ao vivo pelo canal oficial da UPE no Youtube, foi realizada no auditório Prof. Clélio Lemos, na Faculdade de Administração e Direito de Pernambuco (FCAP), no Recife, e contou com a presença dos agraciados, além da comunidade acadêmica, amigos e familiares dos artistas. Os Patrimônios Vivos de Pernambuco são o Mágico Alakaxzam, Claudionor Germano, Jota Michiles, Mãe Dora, Mestre Calú e Tata Raminho de Oxossi.

“Momento de celebração não apenas para os homenageados, mas também para a Universidade de Pernambuco. A cultura popular é a alma do povo, é o reflexo das nossas tradições, valores, lutas e conquistas. É a expressão viva das raízes mais profundas de um povo e a manifestação de

suas crenças, artes. Vocês são exemplos brilhantes de compromisso com a preservação e promoção da nossa cultura. Parabéns a todos e obrigada a cada um de vocês por virem receber essa honraria tão importante para toda a sociedade”, disse a Reitora da UPE, Profa. Socorro Cavalcanti.

O coordenador geral de extensão da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UPE, Prof. Odair França, falou sobre a importância do evento. “É um dia especial cheio de amor e diversidade cultural. Em nome de toda a equipe, agradecemos a todos os mestres e mestras por tamanha contribuição ao Estado de Pernambuco”, disse. O docente representou o Pró-reitor de Extensão e Cultura da UPE, Prof. Luiz Alberto Rodrigues,

“Estou sentindo uma alegria imensa. Quero agradecer a UPE por nos proporcionar esse momento, a todo o corpo de docentes e demais pessoas que participaram desse processo, por ter escolhido meu nome em meio a tantos mestres. Além disso, dedico essa honraria a minha família. É de grande importância esse título para mim, pois foi aqui que me formei em História em 1993 pela UPE. São 50 anos voltados para o artesanato de Pernambuco. Muito obrigado e parabéns aos demais”, destacou o Mestre Zuza de Tracunhaém, um dos agraciados.

A UPE também concedeu a menção honrosa (in memoriam) ao jornalista Leonardo Antônio Dantas da Silva, falecido em novembro de 2023. A homenagem foi recebida por sua filha, a jornalista Mariana Dantas.

Os agraciados detêm um saber necessário não apenas para as suas comunidades de origem, mas a todas e todos que utilizam os métodos científicos para compreender as relações humanas, tornando esse saber um instrumento de sensibilização e conscientização do papel de cada um dos sujeitos na construção de uma sociedade justa e igualitária. Com o título de Notório Saber, além do reconhecimento dos seus saberes e fazeres, os contemplados poderão ser convidados por universidades e outras instituições de ensino para palestras e outras atividades como professores.

SOBRE O TÍTULO DE NOTÓRIO SABER EM CULTURA POPULAR

Criado pela resolução número 023/2019 do Conselho Universitário (CONSUN) da UPE, o título de Notório Saber em Cultura Popular poderá ser concedido a pessoas detentoras ou não de título acadêmico, de graduação e de pós-graduação, desde que tenham comprovada uma destacada experiência e produção em, pelo menos, uma das linguagens ou áreas da arte e da cultura popular.

Os contemplados com o título são de áreas diversas de expressão como artesanato, música, saúde popular, poesia, teatro, luta corporal, afoxé e culturas de matrizes africanas, arte circenses.

Fonte: Diretoria de Comunicação da UPE

TITA MAXAKALI É A PRIMEIRA INDÍGENA MESTRA PELO PROGRAMA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGE) DA UNIMONTES



O mestrando Wellington Coimbra apresentou seu trabalho para a comunidade e para os professores da Unimontes – Foto: Arquivo GDECO

A Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), por intermédio do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), realizou nos últimos meses, diversas ações relacionadas às comunidades quilombolas.

Em fevereiro de 2024 ocorreu a primeira banca de mestrado da Unimontes em território Quilombola e Terreiro de Candomblé. Na oportunidade, Wellington Coimbra defendeu sua dissertação. No mês de abril foi a vez da primeira banca de indígena do PPG/Unimontes

realizada por Tita Maxakali. As duas dissertações foram desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa para uma Educação Decolonial - GDECO-ETNOPO, sendo orientadas pelo professor Heiberle Horácio, do PPGE e do GDECO-ETNOPO.

Em 19 de fevereiro, o mestrando Wellington Coimbra apresentou para a comunidade e para integrantes da Unimontes o trabalho intitulado Candomblé de Angola no Quilombo Manzo Diá Luango: História, Ensinagens e Educação. A banca do programa de mestrado avaliou o trabalho no Quilombo e Terreiro de Candomblé, nas dependências da entidade de matriz africana “Manzo diá Luango”, no município de São Francisco-MG.

“O processo no Mestrado foi um encontro entre a necessidade da educação com a valorização dos saberes tradicionais. Isso foi possível graças à singeleza do orientador Heiberle Horácio, que abraçou este processo, as Divindades que permitiram todo esse processo e as “ensinagens” de Terreiro da Comunidade Tradicional de Matriz Africana Manzo diá Luango. Entender as Ensinagens é defender um outro modo de ser e viver o mundo, uma educação complexa e necessária para um Brasil negro e indígena”, destacou o mestrando Wellington Coimbra

No dia de abril foi a vez da indígena Canoeiros Maxakali Patrícia Murta Loyola - Tita Maxakali - fazer sua apresentação para da PPGE, com a avaliação do trabalho denominado “Os Processos Educativos das/nas Festas Canoeiros Maxakali, e as escolas coronel-murtenses”.

Tita Maxakali foi a primeira indígena a apresentar seu projeto de mestrado no PPGE Unimontes. “Fazer o mestrado foi um processo de construção

coletiva, no qual, todos os dias, resistir e insistir em existir, só foi possível porque o meu orientador, Heiberle Horário, acreditou e não desistiu. Encontrei, através dele, na nossa Família GDECO Unimontes, pessoas acolhedoras, que me apoiaram e me ajudaram a superar as minhas dificuldades”, afirmou a indígena.

Além do professor Heiberle Horário, estiveram presentes nas bancas os professores da Unimontes: Mônica Amorim, Fabiano José, Cassio Alexandre e Denilson Meireles.



Tita Maxakali e os professores Cássio, Mônica, Heiberle e Fabiano Foto: Arquivo GDECO

O GDECO-ETNOPO

Tanto Welington Coimbra, quanto Tita Maxakali são integrantes do GDECO (Grupo de Pesquisa e Ação de Educação Popular PluriEtnoDecolonial). O grupo tem como coordenadores os professores Heiberle Horário, Nelcira Durães e Mônica Amorim, sendo integrado por estudantes de graduação e do PPGE, de Povos e Comunidades Tradicionais e de Movimentos Sociais, bem como por professores do ensino básico da Unimontes.

Diferentes integrantes do GDECO concluíram o mestrado no PPGE, como a quilombola e advogada Nadja Moana, as professoras Laura Patrícia, Elen Sabrina e Maria Edilza, além do professor João Rosa.

Fonte: Unimontes

Unitau

PAPA É PRESENTEADO COM OBRA PREMIADA DE PROFESSOR DA UNITAU

Era para ser um sábado comum, mas o volume, fora do normal, de mensagens e ligações no telefone do Prof. Dr. Ademir Pereira dos Santos anunciava que algo especial tinha acontecido. Durante uma audiência privada com o papa Francisco, a ex-presidente do Brasil e atual presidente do Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), o banco do Brics, Dilma Rousseff, presenteou o pontífice com o livro “Theodoro Sampaio - Nos sertões e nas cidades”.

Não demorou para que os colegas e amigos do autor da obra, que também é pesquisador e docente da Universidade de Taubaté (UNITAU), identificassem o livro, publicado em 2010, e com a informação circulando na mídia nacional, logo a repercussão chegasse também ao professor dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e dos programas de mestrado em Desenvolvimento Regional.



“Meu celular não parava de tocar. Quando vi o vídeo pela primeira vez, pensei que era algo do passado, mas os amigos insistiram, falando que aquilo tinha acontecido há poucas horas, e já estava repercutindo no Brasil todo. Foi incrível. É uma curiosidade minha saber como a ex-presidente escolheu,

entre tantas coisas produzidas no Brasil, o nosso livro para presentear o papa”, comenta o professor.

Mas, afinal, que livro é esse e quem foi Theodoro Sampaio?

Theodoro Sampaio era negro, filho de escrava e formou-se engenheiro ainda sob a escravatura. Multitalentos, também foi geógrafo, escritor e historiador brasileiro, desempenhando um papel importante na transição do Império para a constituição da República.

Trabalhou na melhoria dos portos, primeiro de Santos, e na navegabilidade do rio São Francisco. Em São Paulo, percorreu o rio Itapetininga e o Paranapanema, até então não conhecido, descendo até a foz, no Rio Paraná. Na expedição, identificou vários saltos e cachoeiras, que impediam a navegabilidade, mas, por outro lado, revelaram o potencial hidrelétrico que se confirmou posteriormente. Hoje, ao longo do rio, há uma sequência de grandes usinas hidrelétricas.

“Theodoro Sampaio teve contato com os últimos povos originários e é aí que começaram os estudos dele sobre a língua. Ele fez um glossário dos termos e das palavras e pôde estudar aqueles que trabalhavam nas expedições, construindo as embarcações, que eram indígenas ou chamados índios-mansos. Ele, depois, vai escrever uma obra fundamental hoje no estudo da geografia do Brasil e dos povos originários, que é ‘O tupi na geografia nacional’”, explica o pesquisador.

Em São Paulo, o professor conta que o trabalho do engenheiro ainda foi fundamental para o serviço de esgoto, coleta e tratamento e, principalmente, abastecimento de água. Uma das obras marcantes na cidade de São Paulo é o Hospital das Clínicas, daí o nome da rua onde a unidade hospitalar está construída, em homenagem a Theodoro Sampaio. Já em Salvador, trabalhou na infraestrutura urbana e lá desenvolveu trabalhos relevantes na estruturação da cidade.

Livro ‘Theodoro Sampaio’ é premiado com dois prêmios Jabuti

O Prof. Dr. Ademir do Santos conta que a obra “Theodoro Sampaio - Nos sertões e nas cidades” surgiu a partir da dissertação de mestrado que ele defendeu na Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Assis, no curso de História, em 1992. Logo depois, o docente participou de um prêmio nacional,

concorrendo com mais 320 projetos, foi selecionado e pode, então, se dedicar exclusivamente à obra do baiano Theodoro Sampaio.

O projeto lançado mais tarde, em 2010, acabou repercutindo muito entre os especialistas e o livro de arte de grande formato, com uma edição relativamente pequena, esgotou-se rapidamente.

“O momento culminante desse trabalho foi a conquista do Jabuti. Concorremos, em 2011, e ganhamos dois prêmios. Foi o terceiro melhor livro de arquitetura e urbanismo e o melhor livro de design gráfico. Foi o ápice, afinal, o prêmio Jabuti é o maior que temos hoje na literatura do Brasil”, lembra o professor.

Fornecido para escolas e universidades, hoje o conteúdo é compartilhado com alunos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e também dos programas de mestrado e doutorado em Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté.

“A obra de Theodoro remete ao planejamento territorial, ou seja, à constituição do Brasil como um todo, assim como também ao desenvolvimento regional. Ela é básica para o que nós temos hoje no estado de São Paulo. Não haveria ferrovias, tal como foram constituídas na época da cafeicultura, sem o trabalho dele. Sem falar da infraestrutura urbana, que é fundamental para as atividades industriais, assim como para o próprio desenvolvimento da cidade. Ele também participou ativamente da questão da habitação e da saúde pública. Em São Paulo havia muitos cortiços. Ele atuou na adequação de uma moradia sanitariamente segura”, conta.

Entre os fatos curiosos, descobertos pelo autor durante pesquisas em centros de documentação histórica em São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, ele destaca a formação de Theodoro Sampaio em engenharia ainda sob a escravatura e a compra da alforria da mãe e dos primeiros irmãos com o dinheiro vindo do trabalho de reconhecimento do Rio São Francisco. Para o historiador da UNITAU, o episódio é extremamente importante do ponto de vista da superação do racismo.

“Sinto-me lisonjeado e agradeço imensamente àqueles que trabalharam comigo. Uma equipe formidável de profissionais. Estou retomando esses estudos agora e há muito gostaria de estar me dedicando também a esse trabalho, dar continuidade e, quem sabe, seja esse um dos desdobramentos dessa repercussão inusitada em função desse episódio.”

Fonte: Acom Unitau



**Associação Brasileira dos
Reitores das Universidades
Estaduais e Municipais**

Expediente

www.abruem.org.br

Email: abruem@gmail.com

Jornalista responsável - Núbia Rodrigues. DRT: 2252-GO

Diagramação: Graziano Magalhães

Secretaria Executiva: Carlos Roberto Ferreira

Secretaria Geral: Denize Alencastro